

Dom Pedro Casaldáliga

No “El País Brasil”, de 17.02.18, alguém havia registrado que Pedro Casaldáliga era o espanhol católico mais conhecido no mundo. Seu lema de vida e missão: “Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”.

Não fui íntimo dele por proximidade geográfica nem por frequentes encontros, a ponto de chamá-lo simplesmente de Pedro, como gostava de ser abordado. O Brasil é extenso, ele vivendo no Mato Grosso e eu no Sul e Sudeste. Mas aprendi muito dele e a admirá-lo desde cedo. Escutei-o poucas vezes presencialmente, em encontros de espiritualidade para religiosos, sacerdotes e agentes pastorais ou em eventos de cunho social. Eu, um simples participante e aprendiz; ele, protagonista, expositor, pregador, celebrante. Li com sempre maior interesse seus artigos e poemas. Acompanhei de longe, com empatia e comunhão de ideais a sua luta pelos direitos dos mais pobres, índios e peões, e seu estilo de vida sóbrio, de religioso pobre, entregue a Deus e aos últimos da sociedade.

Conheço as críticas que se fazem à Teologia da libertação. Uma delas: que tenha sido mais libertação social e política do que espiritual-teológica. Não na pessoa, testemunho e prática pastoral desse missionário claretiano. Poderia ser proposto como dehoniano exemplar por seu espírito oblato-reparador. Sempre resistiu à tentação do poder, na Igreja e na sociedade, preferindo a simplicidade evangélica, alimentada na comunhão e adoração eucarística.

Vários dehonianos o conheceram melhor do que eu. Cito o P. Ivo Ritter, P. Antonio dos Santos, P. Alcides Pedrini. P. Ivo se lembra de colóquios em que Dom Pedro expressava o desejo de que os dehonianos aprofundassem mais a espiritualidade eucarística, em vista do fortalecimento dos agentes pastorais diante dos desafios sociais. É bem conhecido um episódio ocorrido num encontro de formação de lideranças jovens: expôs o Santíssimo na capela, bem cedo, antes que a maioria comparecesse, e ao ouvir resmungos tipo: “o que é isso agora?”, respondeu com toda clareza que, sem Cristo, não somos senão libertadores de pouca coisa. Dizem as testemunhas que a expressão usada foi um pouco mais “popular”, mas suficientemente intensa para ecoar Brasil afora. Como não pensar em P. Dehon? “A Eucaristia é o lar, a base, o centro de toda a vida, de cada obra, de todo o apostolado. O operário evangélico que não vive de vida eucarística, tem uma palavra sem vida e uma ação ineficaz” (NQT 25/33).

Sua capacidade intelectual e eloquência poética não o envaideceram nem enriqueceram; sempre as colocou ao serviço da evangelização e do testemunho do amor de Deus ao seu povo. Foi uma mente aberta, com grandes sonhos, com espírito crítico, propositivo, sem amargura ou agressão, às vezes com tristeza no olhar por sua crítica não ser tomada a sério por quem poderia. Vários dos seus sonhos se converteram em projetos bem sucedidos, como a recuperação da terra dos índios xavantes no Mato Grosso, a consolidação da Pastoral da Terra e do CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Faziam parte do que ele chamava de “o sonho de Deus: a terra sem males”.

Leonardo Sakamoto, colunista UOL, publicou no dia do seu falecimento, 8/8/20: “Pessoas assim não morrem. Não tenho a mesma fé que Pedro, mas não tenho dúvida que ele atingiu a imortalidade”. Na hora do sepultamento, num cemitério simples à beira do Rio Araguaia, entre índios e pobres, estava presente um Círio Pascal, para lembrar uma firme convicção de Casaldáliga: “só temos duas opções: ou vivos ou ressuscitados”.